

Especial

Marcopolo estréia no mercado imobiliário com casas de plástico **Página B8**

Peugeot vai lançar novo carro no Brasil no fim de 2007 **Página B6**

Internacional Governo espera o Congresso do Partido em 2007 para dar solução aos problemas sociais

China pratica o nacional pragmatismo

O império globalizado

Paulo Totti

De Pequim, Xangai e Guangzhou

Ron You perguntou: "O que pode ser feito com uma população tão grande?" Confúcio disse: "Torne o seu povo rico"

Antes da porta giratória de um hotel cinco estrelas de Guangzhou, há um cinzeiro de madeira preta com bordas de reluzente metal dourado. Proibidos de fumar no saguão, os viciados têm de sair do hotel e procurar o cinzeiro do lado de fora, mas há um constrangimento geral em sujar com cinzas e guimbas de cigarro a obra de arte sob seus olhos: uma "yulan", magnólia, desenhada com traços delicados, precisos, em alto relevo, sobre a areia branca e fina no topo do cinzeiro.

De repente aparece Li Cao, pedindo licença com seu avental branco, tênis barato, carrinho com vassoura, balde, sacos de plástico. Com uma espécie de pincel de barba, limpa as bordas do cinzeiro. Com vassoura e pá recolhe o lixo lateral num saco plástico. De dentro de outro saco, retira uma espátula e com ela remexe a areia, destrói a magnólia. Do balde, retira um objeto vermelho. Li pressiona-o sobre a areia remexida. E a magnólia, a flor da China, ressurge suave, linda. Já se produz arte chinesa em moldes de plástico.

Li Cao tem cabelos brancos e 56 anos. Nasceu e viveu como camponesa até vir em 1997 para Guangzhou, onde foi apresentada à luz elétrica. Nas estatísticas, incluíram-na como mais um dos milhões de imigrantes na capital da província de Guangdong (para os ocidentais, Cantão), que cresce e continua a crescer a taxas superiores a 15% ao ano.

O filho que a acompanhou trabalha agora nas obras de construção das linhas de trem expresso com que o governo provincial pretende ligar, até 2008, todas as grandes cidades da região do delta do Rio Pérola, Guangzhou, Shenzhen, Dongguan, Jiangmen.

Há quatro anos Li cuida dos jardins e do cinzeiro à frente de um dos mais de 15 hotéis cinco estrelas de Guangzhou. Ganha 550 yuans (US\$ 70) por mês, mora num dormitório coletivo do próprio hotel, onde também come de graça no refeitório coletivo do subsolo, como a maioria de seus colegas de salário inferior a mil yuans. E economiza 150 yuans por mês. Para que economizar, sra. Li? "Para dar presentes ao neto de três anos na festa da primavera [em abril]. E para quando não puder mais trabalhar", diz, em dialeto cantonês.

Li Cao não sabe, mas há gente importante, fora e dentro da China, preocupada com o que vai acontecer com ela quando não puder mais trabalhar — problema que afeta aproximadamente meio bilhão de chineses adultos à margem do sistema de seguridade social. As estatísticas são precárias e contraditórias. Mas o próprio governo reconhece que as existentes bastam para identificar as imperfeições do sistema. "A China tem mais de 200 milhões de pessoas com idade superior a 50 anos e somente 40 milhões delas (os funcionários do governo ou das empresas estatais, essencialmente) têm ou terão direito a alguma aposentadoria", disse Zheng Gongcheng,



Pequim, vista do alto: Ao centro a praça da Paz Celestial, a tumba de Mao e a Cidade Proibida. Nas extremidades, o Congresso do Povo e o Palácio do Governo

membro do Congresso Nacional do Povo, o Parlamento chinês, ao "Shangai Daily", jornal em inglês editado pelo governo. Zheng concorda em que estender a cobertura social é responsabilidade do Estado, mas sugere que as empresas, especialmente as grandes, criem os seus próprios programas de aposentadoria. "É uma maneira lucrativa de atrair e conservar os melhores empregados", disse.

O governo colocou a preocupação social — aí compreendida não só a aposentadoria, mas também a melhora substancial dos serviços públicos de saúde e educação — entre as prioridades de seu 11º Plano Quinquenal (2006-2010), em vigor desde o início do ano. Até agora são tímidos os resultados: apenas os 100 milhões de funcionários urbanos do governo ou das empresas estatais têm direito à aposentadoria, benefício que ainda não se estendeu totalmente aos 145 milhões que trabalham para o Estado na zona rural.

As grandes empresas privadas, nacionais ou estrangeiras, têm programas de aposentadoria para os escalões gerenciais. Pequenas e médias, nem isso. A exceção ocorre em Hong Kong, onde patrões e o conjunto de empregados contribuem cada parte obrigatoriamente com 5% da folha salarial para um fundo de pensão. O problema é que isso seria a complementação do que o governo deveria pagar e não o faz porque não existe um institucionalizado sistema nacional de previdência. O que existe é só para os estatais e, aí, o problema é inverso: poucos contribuem e há privilégio na idade de aposentadoria: as mulheres se aposentam aos 50 anos, e as filiadas ao Partido Comunista Chinês (PCC), para demonstrar sua dedicação ao trabalho, aos 55. Os homens, aos 60.

"A questão está sendo analisada com seriedade pelo governo", disseram ao Valor funcionários do próprio governo e pessoas ouvidas nas ruas, membros ou não do PCC, que, apesar dos 86 milhões de membros, parece quase ausente, pois dele pouco se fala na televisão, nos jornais oficiais — são todos — ou nas conversas de jovens nas cafeterias que a Starbucks e a UBC (de Taiwan) espalharam pelo país.

"E qual será a solução do governo?"

"A que for a melhor para o país e para o povo".

"E quando virá?"

"Em breve".

O certo é que a solução para a questão da aposentadoria — e de todas as outras relacionadas com problemas sociais ainda agudos e em fase de progressão — só será anunciada oficialmente no Congresso do Partido a realizar-se no segundo semestre de 2007. Nesses momentos é que o Partido — sempre em maiúscula — aparece, com pompa e circunstância.

Um estudo do Banco Mundial (An East Asian Renaissance: ideas for economic growth) concluiu que "a China é talvez a economia mais laissez-faire do mundo". Essa é a China que os autores do estudo gostariam de ver, mas basta uma observação mais atenta para constatar que o Estado continua onipresente, planejando, decidindo, demarcando seu campo e ditando o espaço dos demais, por mais "sócios", "parceiros", "amigos" que sejam. E, no comando do Estado, o Partido, manifestamente cada vez mais satisfeito com os investimentos estrangeiros diretos no país (só neste ano, US\$ 50 bilhões; o estoque chega a US\$ 700 bilhões).

O Congresso, que se repete a cada cinco anos, é o palco propício para gestos de grande repercussão nacional e internacional. No passado, serviu para Mao Tsé-Tung anunciar seus grandes planos, inclusive, em 1966, o da Revolução Cultural, que, dez anos mais tarde, em outro Congresso, Deng Xiao-Ping sepultaria. No ano seguinte, começava a "kai fang", a abertura, que até hoje serve de referência histórica para o momento em que a China começou realmente a mudar. Num salto vertiginoso de sociedade rural para industrial, a China absorveu as mais modernas práticas ocidentais de produção e marketing e é, provavelmente, o único país do mundo em que não se ouvem críticas à globalização.

Num grande cartaz sobre a linha de montagem de vans e ônibus da Foton, joint-venture de Estado e capital privado nacional, nos subúrbios de Pequim, está es-

crita, em inglês e em chinês popular, para os operários se lembrarem permanentemente: "Alta qualidade, baixos custos, globalização". Desta vez, ao contrário dos tempos de Mao, deu certo.

A kai fang completa trinta anos e nesse período (dados referentes a 1997-2005) a China cresceu a uma média de 9,7% ao ano; 10,3% só em 2005. "A economia vai desacelerar ligeiramente em 2006", vaticinou Zhou Xiaochuan, presidente do Banco do Povo da China (o banco central), um chinês que se comporta como seus colegas do Ocidente. Até nos cacetes: para ele, como para toda sua equipe, as coisas nunca são vulgarmente iguais ou parecidas, são "em linha".

Pois Zhou, que, com a desvalorização de 2% da moeda em julho de 2005 e alta de 0,27% na taxa de

Para que economizar, sra. Li? "Para dar presente para o neto e para quando não puder mais trabalhar"

juros em abril de 2006, segura o índice de preços ao consumidor na casa dos 5%, apesar dos prognósticos de que dispararia para 10% neste ano, desta vez errou. No segundo trimestre de 2006, o país já registrava crescimento de 11,3% (o comércio cresceu 14,3% no terceiro trimestre) e, apesar do esforço para conter esse aquecimento, tudo indica que os números de 2006 fecharão mesmo "em linha" com os do ano passado.

Hoje, a China é uma economia somente superada pela dos Estados Unidos, segundo o padrão de paridade do poder de compra (Purchasing Power Parity) adotado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Com um trilhão de dólares de reservas (cerca de US\$ 400 bilhões aplicados em letras do Tesouro americano), produto interno bruto (PIB) de US\$ 1,7 trilhão, superávit comercial de US\$ 150 bilhões a ser atingido este mês (co-

mércio global crescendo para US\$ 1,77 trilhão, 24,5% sobre o recorde do ano passado), superávit em conta corrente de 9% neste ano contra 1,3% em 2001, ações nas bolsas de Xangai que se valorizaram 72% de janeiro a novembro, investimento bruto de capital fixo que cresceu de 33,7% do PIB em 2000 para 41,2% no ano passado — parece ter chegado a hora de a China pensar em distribuir melhor a renda. Esta, per capita, é de US\$ 1,3 mil ao ano (mais alta em Xangai: US\$ 7,2 mil; mais baixa na província de Guizhou, perto da fronteira com o Vietnã: US\$ 550).

Hora de pensar nos 200 milhões de camponeses e camponesas que migraram para as cidades em busca do trabalho na construção dos milhares de prédios de quarenta/cinquenta/sessenta andares a ocupar quase sempre um quarteirão inteiro pelo país todo, no empacotamento de lâmpadas de natal, na linha de montagem de celulares da finlandesa Nokia e computadores da estatal chinesa Lenovo ou da japonesa Toshiba, ou nos balcões de centros comerciais, nos guichês de bancos, na limpeza de quartos da cadeia Marriott, nas caixas do Carrefour e do Wal Mart, ou do supermercado Jin Guang, num bairro chique de Xangai, onde 100 gramas de filé mignon importado da Austrália custam US\$ 5, contra US\$ 2,50 da carne de procedência nacional. Pensar, enfim, na aposentadoria de Li Cao, numa casa própria para seu filho, na assistência médica do seu neto.

Li, seu filho e seu neto são um problema e também podem ser solução. O problema é porque Li Cao não consome, guarda seus poucos yuans para quando não tiver mais forças para trabalhar. Agem como Li milhões de compatriotas, inclusive os de salários maiores e que poupam para a aposentadoria, para um tratamento médico mais complicado não coberto pelos hospitais do governo e para a anuidade de 6 a 7 mil yuans (cerca de US\$ 900) da faculdade do filho, pois o ensino é gratuito só nos primeiros nove anos de formação — há bolsas de estudo para os mais aplicados, para quem também a

pós-graduação é gratuita.

A poupança das famílias, segundo estatística oficial geralmente aceita, subiu de 12,9% para 16,8% do PIB desde o início da década. Mas a poupança das empresas em lucros não distribuídos foi muito maior: subiu de 22,1% para 30,2%. Já o investimento bruto dessas empresas foi de 33,7% do PIB para 41,2%, maior que a poupança. Ou seja, a maioria das grandes empresas (48% são estatais) não paga dividendos e investe todo ou quase todo seu lucro.

Se o governo pensar na família de Li Cao, aí estará a solução. As empresas estatais pagariam dividendos ao seu controlador — até agora a contribuição que dão é o pagamento de impostos, inclusive o de renda — e o dinheiro seria aplicado em monumental programa de distribuição de renda, um Bolsa Família mais recheado de benefícios, no tamanho e na obsessiva determinação com que tudo acontece na China. Para seus investimentos, as estatais fariam empréstimos nas dezenas de BNDES espalhados pelo país ou em bancos privados, nacionais e estrangeiros, aproveitando que, já a partir da segunda-feira próxima, estes últimos poderão operar com a moeda nacional, o renminbi (esta é a moeda de fato; o yuan é a unidade). É uma idéia discutida por setores influentes no comando da economia e da política chinesas.

Um espetacular programa social daria mais equilíbrio regional ao desenvolvimento, aumentaria a renda per capita até em Ghizou. No Ocidente, um de seus defensores é o colunista do "Financial Times", Martin Wolf. Outro, o francês Eric Le Boucher, do "Le Monde". Wolf recomenda que, em lugar de desvalorizar sua moeda, como quer o sistema financeiro internacional, a China promova a expansão dos gastos em saúde, educação, previdência social, aposentadoria. "O ponto de partida não é o câmbio", diz Wolf, "mas sim os gastos domésticos". E Boucher, no domingo 26 de novembro, escrevia que "a China precisa é de socialismo".

É claro que, para os chineses de hoje, o Estado do bem-estar dos socialistas europeus parece tão pouco prático e ingênuo quanto defasada a teoria da mais-valia de Marx e Engels. Para quem gosta de catalogar ideologias, as evidências demonstram que a categoria mais adequada à China seria, por enquanto, a do nacional pragmatismo — o mesmo pragmatismo que utiliza um molde de plástico para desenhar na areia de cinzeiros os finos traços da flor nacional. Mas há indícios de que uma virada ocorrerá no próximo Congresso.

O governo e o Partido decidirão (por que o plural?) no momento apropriado. Bo Xilai, ministro do Comércio, parece indicar o caminho. Provocado pelo britânico Peter Mandelson, comissário de Comércio da União Europeia, que, em visita a Pequim no dia 8 de novembro passado, reclamava de altas tarifas de importação, o ministro respondeu: "Apesar do progresso desde a kai fang, a China ainda é um país em desenvolvimento com 100 a 200 milhões de pessoas que sobrevivem com menos de 1 dólar por dia. É preciso pensar nelas quando se discutem novas aberturas econômicas."

A segunda reportagem da série "O império globalizado" será publicada amanhã

Mandarinas

Zedong ou Tsé-Tung?

Pinyin, o alfabeto romano criado em 1997 pelos acadêmicos chineses para reproduzir os sons dos caracteres em mandarim, encontrou aceitação universal. As crianças são alfabetizadas na China em ambas as escritas. Mas há falhas: A grafia antiga de Mao Tsé-Tung e Pequim reproduz melhor o som original do que Mao Zedong e Beijing.

A comunicação no táxi

Táxis na China são novos e alguns tocam uma fita em inglês com saudação ao passageiro. O difícil é comunicar-se com o taxista. A solução é mostrar o endereço em caracteres chineses. Ou, com o celular do taxista, ligar para o intérprete para as devidas instruções. Tarde da noite, a telefonista do hotel pode ajudar a encontrar o caminho de volta.

Orgulho nacional

Manhã de trânsito confuso e o motorista do táxi está na rua certa de Pequim mas não acha a embaixada brasileira. Pergunta a guardas de outras embaixadas e ninguém se entende. De dentro do táxi, o repórter faz um movimento como se cabeceasse uma bola. "Ah, Pácir! É duas quadras à frente", diz o guarda. Pácir é Brasil; Pácin, brasileiro.

À noite em Xangai

Chove forte na noite de sexta-feira em Xangai. Não há alagamentos mas os táxis sumiram. Toma-se o ônibus coletivo, cinco yuans (US\$ 0,60), e a viagem é tranquila. No alto-falante uma voz gravada vai anunciando a próxima parada, como no metrô. Acima do motorista, correm anúncios em neon: ceda lugar aos idosos, vacine seu filho.

Em avião, trem e ônibus

Jornalistas estrangeiros só conseguem visto para entrar e fazer reportagens na China se receberem convite formal de algum organismo do governo. O repórter do Valor fez gestões junto à embaixada da República Popular da China em Brasília e, ao fim de dois meses, recebeu o convite do Jin Jiribao, Diário de Economia, editado em Pequim e fundado em 1986 por Deng Xiaoping (1904-1997), para ser o "porta-voz da abertura

econômica da China". O próprio então secretário-geral do Partido Comunista Chinês desenhou a logomarca do jornal.

Em viagens de avião, trem e ônibus, durante o mês de novembro, o repórter esteve em Pequim, Xangai, Guangzhou e Dongguan. Todas as despesas, inclusive das intérpretes indicadas pelo Jin Jiribao, estudantes de pós-graduação na Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim, foram pagas pelo Valor.